

EDUCANDO PARA A DIFERENÇA: A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DO COMBATE À GORDOFOBIA

KAI KRAUSE¹, ALINE SOARES ARAUJO², AMANDA DUTRA LIMA³, CAMILA MÜLLER CARDOSO⁴, VICTORIA PAULA SABBAG⁵; MARCUS VINICIUS SPOLLE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – kai.krauselac@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alines.araujok@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – amdlima95@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – camilamullercardoso@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – vicksabbag@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – marcus.spolle@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Iniciação à Docência incentiva a inserção dos estudantes da formação docente no contexto das escolas públicas, proporcionando o espaço necessário para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas e experiências metodológicas de caráter inovador e interdisciplinar (CAPES, EDITAL Nº. 061/13). Entendendo as funções das disciplinas de sociologia e filosofia na BNCC onde é notável que o ensino é voltado para formar um pensamento ético, livre de preconceitos, autônomo e justo para os alunos que aplicaram os conceitos aprendidos nesse tempo escolar em sua vida em sociedade. (BRASIL, 2018, p.35). A partir da proposta do projeto do PIBID foi possível explorar tais debates, logo sentiu-se a necessidade de buscar conhecer o perfil dos alunos do Colégio Municipal Pelotense localizado em Pelotas, Rio Grande do Sul. Foi realizado um diagnóstico escolar com as turmas do terceiro ano, do ensino médio, da disciplina de sociologia, sobre os temas que poderiam ser desenvolvidos pelo projeto. O diagnóstico mostrou 4 tópicos de destaque de interesse dos alunos: política, saúde, mercado de trabalho e preconceito. Os resultados levantaram indagações e culminaram em uma pergunta: os alunos sabem a diferença entre bullying e preconceito?

O termo bullying serve para definir a prática, individual ou em grupo, de agressões físicas e psicológicas, durante um período de tempo, sobre vítimas consideradas mais fracas em uma relação de poder. Enquanto o preconceito é transmitido culturalmente, assim, a atitude preconceituosa normalmente se baseia em estereótipos ou generalizações equivocadas a respeito de um determinado grupo social. Escolheu-se a gordofobia como pilar temático para trabalhar a ideia do preconceito e do contexto cultural (JIMENIZ, 2019), que engendra estruturas segregantes através dos dispositivos de norma, normação, normatização e normalização. Essa atitude geralmente vem carregada de uma grande antipatia em relação às pessoas que pertencem a esse grupo, resultando, muitas vezes, em atos de discriminação e agressões físicas ou verbais. (GARCIA, 2017).

De acordo com o IBGE, atualmente no Brasil cerca de 41 milhões de pessoas de 18 anos ou mais anos de idade estavam obesas em 2019, já o excesso de peso estava presente em 60,3% da população de 18 anos ou mais de idade, sendo 62,6% composto por mulheres e 57,5% de homens. Ao longo dos anos esse número só vem aumentando e mesmo assim, a solução encontrada pela área da saúde e vigilância sanitária no Brasil é “aumentar o estímulo a alimentação saudável e a prática esportiva”, não levando em consideração outros fatores que estimulam o crescimento da obesidade no país e estimulando a ideia de que a obesidade só está ligada a alimentação e ao sedentarismo, excluindo fatores como

a genética, saúde mental, o ambiente em que vive, funções endócrinas e alterações hormonais. A obesidade está associada a riscos para saúde, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) dado as complicações metabólicas que elas podem causar no organismo dos indivíduos e por isso não deve ser estimulada, mas o preconceito e a discriminação que as pessoas gordas sofrem independente de seu estado de saúde física, apenas por estarem acima do peso, precisa ser combatido. Esse preconceito é consequência da cultura ao padrão de beleza e do que é “saudável”, no qual mesmo que o indivíduo gordo esteja saudável, ele estará doente aos olhos da sociedade.

Tais discursos buscam um controle rigoroso da população sobre seus corpos, favorecendo as indústrias de beleza, saúde ou alimentação que lucram com o desespero em massa para a eliminação de obesidade, pois apenas com a imposição desse padrão corporal é possível enquadrar alguém como “normal” perante a sociedade. Essa imposição está em cada uma das esferas da vida de uma pessoa, em situações banais como ida a restaurantes e situações nitidamente gordofóbicas como ser qualificada para uma vaga de emprego, mas não ser escolhida por causa do seu corpo.

O corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1987)

Buscou-se trabalhar esses conceitos através da perspectiva de Michel Foucault, assim, o grupo criou situações-problema, apresentando uma história fictícia do dia a dia de uma personagem gorda. As situações foram selecionadas, através de relatos reais de pessoas gordas em redes sociais e blogs, para mostrar para os alunos as raízes gordofóbicas que se constrói com apoio em discursos médicos estigmatizantes oriundos de uma sociedade feita para corpos magros. Desta forma, o presente trabalho e apresentação, se propõem a analisar e relatar a experiência didática realizada com os alunos do colégio pelotense e como, a partir do tema da gordofobia, foi possível, na sociologia, trabalhar as questões da diversidade e do respeito às diferenças.

2. METODOLOGIA

Definimos uma base quali-quantitativa para a metodologia do presente trabalho, uma vez que ocorre, em um primeiro momento, a análise do diagnóstico escolar a partir de dados quantitativos e em um segundo momento, a observação qualitativa das informações, embasadas nos resultados das experiências da transposição didática realizada, de maneira remota, no Colégio Municipal Pelotense, em que participaram as turmas 23A, 23B, 23C, 23D e 23E do ensino médio. Para o primeiro levantamento utilizou-se como instrumento um questionário de dados pessoais, construído no aplicativo Google Formulários, com a intenção de coletar informações sobre três blocos: o institucional, sobre os alunos (turma, sexo, data de nascimento, raça) e os interesses pedagógicos, totalizando 26 perguntas. Os

três blocos possuíam perguntas de múltiplas escolhas, em que o resultado foi obtido através das respostas dos alunos. Desta forma, foram expostas ao total 87 respostas, em que se observou que cerca de 41,7% dos 19,5% responderam que sofreram gordofobia no ambiente escolar, porém, em controversa, nota-se que 72,4% dos alunos negam terem sofrido algum preconceito na escola. Assim, baseado no resultado deste diagnóstico pudemos chegar ao objetivo: a ação pedagógica do projeto que era trabalhar com a proposta temática gordofobia enquanto um preconceito enraizado, e não uma forma trivial de bullying.

Em sequência, elaboramos a apresentação em formato de slides sobre o significado de gordofobia, frases cotidianas gordofóbicas e a distinção entre preconceito e bullying. Para embasamento teórico, fizemos a transposição didática, utilizando os conceitos sociológicos e filosóficos de norma e corpo do filósofo Michel Foucault, além do estigma de Erving Goffman. Ademais, criamos duas personagens: Ana, uma pessoa gorda, e Sarah, uma pessoa magra e elaboramos situações de gordofobia presentes no dia a dia para que os estudantes fruissem de um espaço para desenvolver o olhar crítico e empático. Produzimos áudios e tirinhas com as situações, sendo estas em um ônibus, em uma loja de roupas, em um restaurante e em uma festa, e orientamos os alunos a enviarem através do e-mail uma reflexão sobre o que foi exposto. Para complementar o material, pensou-se na construção de uma roda de conversa em plataforma digital, em conformidade com as expectativas dos alunos de terem atividades que não se resumissem a tarefas escritas postadas no Facebook, para debater os temas abordados e trocar vivências com os alunos do Colégio Municipal Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria das alunas que afirmaram ter sofrido gordofobia eram meninas, o que evidencia as relações profundas entre esse preconceito e as questões de gênero, em especial os padrões de beleza impostos às mulheres pelos veículos de comunicação hegemônicos e a pressão estética que acompanha essa imposição. A maioria dos alunos demonstrou ter compreendido que a gordofobia vai além de apenas bullying, tratando-se de um preconceito. Dez respostas evidenciaram de maneira direta as relações entre cultura e preconceito, salientando algum tipo de enraizamento da gordofobia na nossa sociedade. Alguns alunos também demonstraram esse entendimento de forma indireta, traçando paralelos com outros tipos de preconceitos que sofreram ou presenciaram. Quanto à história fictícia, muitos alunos demonstraram empatia pela personagem “Ana”, se solidarizando com ela e, até mesmo, lamentando o sofrimento passado pela personagem. Os alunos tiveram posturas ativas quanto ao que fariam se presenciassem situações similares. As principais atitudes citadas foram: aconselhar a vítima e encorajá-la a se aceitar; defender a personagem dos agressores, revidando, repreendendo ou ensinando que gordofobia é errado. A simpatia e o desejo de ajudar a personagem mostram que os alunos se sensibilizaram com as situações e se sentem motivados para agir e tentar provocar algum tipo de mudança.

A roda de conversa proposta será realizada em um momento posterior ao de escrita deste trabalho. A partir dos relatos pessoais, além de reflexões sobre como os alunos entendem o tema, as expectativas são de debates que perpassem por todo o tema do preconceito, com troca de experiências e de ideias para a luta por uma sociedade igualitária, com engajamento dos alunos e com seriedade nas discussões que possam vir a acontecer, assumindo, mais uma vez, papéis ativos na luta por uma sociedade justa e igualitária.

4. CONCLUSÕES

O objetivo pontual foi atingido, com os alunos demonstrando pleno entendimento da diferença entre bullying e preconceito. Contudo, os destaques foram para os objetivos mais gerais da atividade: a sensibilidade dos alunos para o tema do preconceito, o entendimento de que existem estruturas segregantes na nossa sociedade, a associação e a verificação de semelhanças entre os diferentes tipos de preconceitos, demonstraram que os alunos estão interessados e engajados nos debates da diferença e da diversidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital n. 061/2013 CAPES**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/pibid/historico/gestao/>> Acesso em 26 de jul. de 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa do IBGE mostra aumento da obesidade entre adultos**. Brasil, 21 de out. 2020. Acessado em 20 de jul. 2021. Online. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/10/pesquisa-do-ibge-mostra-aumento-da-obesidade-entre-adultos>

Campo Largo, v.7, nn. 2, nov 2008. Acessado em 20 de jul, 2021. Online. Disponível em:

<<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/472/361>>

DOMINGUINI, L. A transposição didática como intermediadora entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**,

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, Carla Camila. **Quais as diferenças entre preconceito e bullying?**. Jornal do Campus, 2017. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2017/05/quais-as-diferencas-entre-preconceito-e-bullying/> Acesso em: 10 de maio de 2021.uN

JIMENIZ, MALU. **GORDOFOBIA NA ESCOLA: LUTE COMO UMA GORDINHA!**. Todas Fridas, 2019. Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2019/09/20/gordofobia-na-escola-lute-como-uma-gordinha/>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. Norma, normação, normalização, normatização e normalidade. In: LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. Capítulo 3, p. 41-60.